

ANÁLISE DO CONTO “O BATIZADO”, DE LUIZ SILVA(CUTI), SOB A ÓTICA DA RESISTÊNCIA

ANALYSIS OF THE SHORT-STORY “O BATIZADO”, BY LUIZ SILVA(CUTI), UNDER THE RESISTANCE OPTICS

Elaine dos Santos¹

Anderson Caetano dos Santos²

RESUMO: O conto é uma das formas utilizadas pelos escritores filiados ao movimento negro para divulgação da produção literária deles. Luiz Silva (Cuti) é vinculado ao ativismo social, com contos que possuem personagens e protagonistas afro-brasileiros. Neste artigo, analisa-se o conto “O Batizado” lançado nos **Cadernos Negros 14**, de 1991. A resistência à ideologia dominante é uma das estratégias da literatura produzida por esse escritor. Sendo assim, o protagonista e os personagens estão em uma festa de batizado, demonstrando as contrariedades de uma família afro-brasileira. Paulino (protagonista) questiona os valores culturais dos seus familiares devido à aproximação com a militância negra, com as religiões afro-brasileiras e a preparação para o exame vestibular.

Palavras-chaves: Cuti. Contos. Literatura afro-brasileira. Paulino.

Introdução: considerações sobre literatura e resistência

Alfredo Bosi, em **Literatura e resistência**, ensina que:

Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético.

O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia (BOSI, 2002, p. 118).

Entende-se, neste sentido, que a arte não emana da força, é, na verdade, um conceito que se origina da intuição, da imaginação, da percepção que o sujeito tem diante dos fatos, do entorno em que se acha inserido. Assim sendo, compreende-se que a arte trama relações com a realidade, com a força que emana dos fatos na medida em que lhes capta a pulsão, os desejos, os projetos que lhes estão sub-reptícios.

¹ Doutora em Letras pela UFSM. Contato: e.kilian@gmail.com

² Mestrando em Literatura pela UFSC. Contato: anderson.c.santos@bol.com.br

Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 194-214, jul./dez. 2018. Recebido em: 18 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

Adotada tal compreensão, Alfredo Bosi (2002) considera que a ideia de resistência quando associada à narrativa literária realiza-se de duas maneiras: a resistência acontece como tema/assunto ou a resistência ocorre como processo inerente à escrita.

Alfredo Bosi (2002, p.128) localiza, sobretudo nos anos posteriores à Segunda Guerra, uma resistência que se apresenta como tema da narrativa, quando emergiram correntes como o existencialismo, havendo o surgimento de uma literatura que se empenhou em problematizar a realidade, engajada socialmente e “[...] ao mesmo tempo implacavelmente analítica dos mínimos movimentos da consciência [...]”. Por outro lado, o autor observa que há “[...] em certas obras, escritas independentemente de qualquer cultura política militante, uma tensão interna que as faz resistentes, enquanto escrita, e não só, ou não principalmente, enquanto tema [...]” (BOSI, 2002, p. 129).

No Brasil, entre as obras que têm a resistência como tema, é possível citar **Memórias do cárcere**, de Graciliano Ramos, testemunho de uma experiência, resistência a um ato de supressão arbitrária da liberdade. Ademais essa literatura encontra exemplo em poemas de Carlos Drummond de Andrade, como **A rosa do povo**, de 1945.

No tocante às obras em que a resistência faz-se na própria escrita, a tensão é-lhes característica e, neste sentido, a matriz, conforme Alfredo Bosi (2002), assenta-se na teoria de Georg Lukács sobre o herói problemático.

Chega um momento em que a tensão *eu/mundo* se exprime mediante uma perspectiva crítica, imanente à escrita, o que torna o romance não mais uma variante literária da rotina social, mas o seu avesso; logo, o oposto do discurso ideológico do homem médio. O romance ‘imitaria’ a vida, sim, mas qual vida? Aquela cujo sentido dramático escapa a homens e mulheres entorpecidos ou automatizados por seus hábitos cotidianos. (BOSI, 2002, p. 130)

Assim compreendida, a “vida” que adentra o texto literário é uma vida problematizadora, que busca a superação da rotina, da inércia, do conformismo com a realidade circundante. Dessa forma, sobrepõe-se à intuição a capacidade de reflexão que engendra o texto literário, muito mais que o fato presente, a memória é ativada como um aspecto relevante que (re) constitui o passado e permite a compreensão e o questionamento do que se passa no presente da narrativa.

Márcio Seligmann-Silva (2003, p. 376), em “O testemunho: entre a ficção e o ‘real’”, pondera que a literatura “[...] pode ser vista como um espaço de auto-reflexão da linguagem [...], uma oficina de aprimoramento da linguagem [...]”, de tal sorte “que a literatura não é uma mera

imitação do mundo”, sendo justamente uma literatura que procura entrecruzar o mundo da narrativa e o “mundo fenomênico”.

Assim sendo, o que a literatura traz à cena é o trauma, a dificuldade para lidar com o preconceito, com o fato que desencadeou o alijamento do sujeito, a sua prisão, a negação da sua identidade – entende-se, assim, como uma ferida (que pode estar no narrador ou no narratário) que purga, um enfrentamento da condição de inferioridade, menosprezo, supressão da liberdade, uma afronta ao *status quo* e, em consequência, um desejo de estabelecer “a verdade” daquele indivíduo, seja narrador, seja narratário.

A resistência do negro ao processo de diáspora africana intensificou-se a partir do período dos Grandes Descobrimentos no século XV. O Brasil foi uma das rotas do tráfico negreiro com uma quantidade significativa de negros escravizados trazidos a esse território. Os africanos deslocados da terra de origem inserem-se aos costumes novos tais como: a língua, a religiosidade e a estrutura de uma sociedade capitalista e escravocrata.

A imigração forçada é exemplo da violência e da exploração sistemática de homens e mulheres para a sustentação de um regime escravocrata, do monopólio de cultivos como o do açúcar e do esteamo da própria Coroa Portuguesa. Assim, a diáspora não é apenas sinônima da imigração à força, mas também uma redefinição identitária, ou seja, a construção de novas formas de ser, agir e pensar no mundo.

O processo da diáspora consistiu em uma trama complexa que envolveu desde a captura de homens e mulheres em diversas sociedades africanas, passando pela travessia do Oceano Atlântico nos navios negreiros, a inserção – violenta e brutal – no novo contexto. No ensaio “Pensando a diáspora: pensando sobre a terra no exterior”, Stuart Hall (2003, p. 33) argumenta que “O conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora”.

Para os afro-brasileiros, a resistência surge com o intuito de oposição ao sistema escravagista, que concebia essas pessoas como mercadorias de uma ordem capitalista, sendo considerados marginalizados e subalternos. Desse modo, ela deve-se com a aproximação das religiosidades de matrizes africanas, com a dança, com a música, com a capoeira e a formação de quilombos – destacados os mais importantes. Logo, a resistência aparece como um modo de negação do sistema opressor, bem como uma influência e/ou apropriação de valores culturais africanos.

Não porque a África seja um ponto de referência antropológico fixo — a referência hifenizada já marca o funcionamento do processo de diáspora, a forma como a ‘África’ foi apropriada e transformada pelo sistema de engenho do Novo Mundo. A razão para isso é que a ‘África’ é o significante, a metáfora, para aquela dimensão de nossa sociedade e história que foi maciçamentesuprimida, sistematicamente desonrada e incessamentenegada e isso, apesar de tudo que ocorreu, permanece assim. (HALL, 2003, p. 41)

Por outro lado, em narrativas que tematizam a diáspora africana em si ou as suas consequências, ambos – narrador e narratário – apresentam-se como sujeitos da memória, aqueles que buscam o não apagamento de suas histórias, de suas trajetórias e, por analogia, da história das suas gentes, da essência que os constitui como nação, como povo, dado que, se verá, mostra-se produtivo para a análise do conto “O batizado”, da coletânea **Negros em contos**, publicada pelo autor paulista Cuti.

2. Literatura afro-brasileira

A história dos afro-brasileiros tem sido demarcada pela resistência e luta em um ambiente de repressão, opressão e trabalho escravo que se verificou até a Abolição da Escravatura. Os africanos trouxeram consigo a sua religião - o candomblé - e a sua cultura, que inclui as comidas, a música, a capoeira, o modo de ver a vida e muitos dos seus mitos e lendas. Eles trouxeram ainda as línguas e os dialetos que falavam, sendo que muitas palavras vêm de diferentes povos do continente, como os jejes e os nagôs (que falavam línguas como o fon e o iorubá). Desse modo, a memória dos negros através da literatura tem sido utilizada como um modo de resgate dos valores culturais desse grupo étnico.

Nesse interregno, destaca-se um campo do saber – a literatura afro-brasileira propriamente dita, ou seja, aqueles textos produzidos por escravos ou seus descendentes — remetendo às obras elaboradas por Domingos Caldas Barbosa (1739-1800), Maria Firmina dos Reis (1825-1917), Luis Gama (1830-1882), Machado de Assis (1839-1908), Castro Alves (1847-1871) e Cruz e Souza (1861-1898)– destacados os mais importantes – desde a segunda metade do século XVIII, conforme Cuti (2010), assim como Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca (2011), haja vista que aqueles escritores principiaram a problematizar a temática e a inserção de protagonistas e personagens afro-brasileiros.

No âmbito universitário, o debate sobre literatura afro-brasileira foi aberto no Brasil por pesquisadores estrangeiros. **A poesia afro-brasileira** (1940), de Roger Bastide, parte da obra de Domingos Caldas Barbosa (1739-1800) e de Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814) como os escritores que iniciaram o debate sobre a literatura afro-brasileira. No século XIX, passa-se por Gonçalves Dias, Antonio Cândido Gonçalves Crespo, Luiz Gama e Cruz e Souza para chegar a Lino de Pinto Guedes, no século XX. O mesmo Roger Bastide publicou **Estudos Afro-brasileiros** (1953), em que demonstra um panorama sociológico da situação do negro no Brasil a partir de três temas: a poesia afro-brasileira, reflexões sobre a imprensa negra de São Paulo e as religiões de matrizes africanas.

O negro na literatura brasileira (1958), de Raymond Sayers, enumera autores que apresentam personagens ou motivos referentes à descendência africana do Brasil Colônia até o ano da Abolição da Escravatura. Em **O negro na ficção brasileira** (1965), Gregory Rabassa traz um panorama sobre a história do negro na literatura. O autor analisa escritores situados no período posterior à Abolição da Escravatura, destacando Coelho Neto, Graça Aranha, Lima Barreto, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Jorge Amado. Os dois escritores norte-americanos investem menos no negro como sujeito de enunciação e mais como figura representada no texto.

Em **Raça e cor na literatura brasileira** (1983), David Brookshaw torna o seu trabalho importante ao não se dedicar somente - como os outros, inicialmente - ao período abolicionista e modernista (a primeira parte de seu livro), bem como à literatura produzida pelos negros (e não apenas os poetas), após a Segunda Guerra Mundial (a segunda parte do livro). Dessa maneira, o autor enfatiza três categorias de escritores com o intuito de organizar o seu trabalho. Na primeira, encontram-se Machado de Assis, Tobias Barreto e Cruz e Souza, como representantes da condição erudita e da afro-brasilidade deles. Na segunda, Domingos Caldas Barbosa como representante da tradição popular. Por último, Lima Barreto e Luiz Gama, ligados à sátira e ao protesto.

Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica (2011) é organizada pelos professores Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca. A coleção reúne vida, obra e análise crítica de cem autores negros, de tempos e de lugares diversos, em cerca de duas mil páginas, que estão divididas em quatro volumes. Esse livro, além do ineditismo que o próprio título sugere, possui um desmesurado esforço dos organizadores e demais pesquisadores da

antologia, para mostrar que existe uma produção afrodescendente significativa e que caminha em direção contrária às normas ainda vigentes no circuito literário nacional.

Em seguida, a temática afro-brasileira percorre os escritos de Machado de Assis, Castro Alves, José do Patrocínio, Cruz e Souza, Lima Barreto, Lino de Pinto Guedes, Solano Trindade, Carolina Maria de Jesus, Mestre Didi (Deoscóredes Maximiliano dos Santos), Eduardo de Oliveira, Oswaldo de Camargo, Domício Proença Filho, Joel Rufino dos Santos, Oliveira Silveira, Nei Lopes, Conceição Evaristo e Paulo Colina — destacado os mais importantes — até chegar nos **Cadernos Negros**, publicados de 1978 até os dias atuais.

O campo literário brasileiro tem se configurado como um espaço de exclusão. Nossos autores são, em sua maioria, homens, brancos, moradores dos grandes centros urbanos e de classe média. No artigo “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea”, de Regina Dalcastagnè, de 2008, destaca-se a baixa participação das (os) negras (os) nas narrativas brasileiras. Os fatores de desigualdade socioeconômica e educacional contribuem para o *personagem*, em sua maioria, ser representado como subalterno no campo da literatura.

A literatura contemporânea reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira. É o caso da população negra, que séculos de racismo estrutural afastam dos espaços de poder e de produção de discurso. Na literatura, não é diferente. São poucos os autores negros e poucas, também, as personagens – uma ampla pesquisa com romances das principais editoras do País publicados nos últimos 15 anos identificou quase 80% de personagens brancas, proporção que aumenta quando se isolam protagonistas ou narradores. Isto sugere uma outra ausência, desta vez temática, em nossa literatura: o racismo. Se é possível encontrar, aqui e ali, a reprodução paródica do discurso racista, com intenção crítica, ficam de fora a opressão cotidiana das populações negras e as barreiras que a discriminação impõe às suas trajetórias de vida. O mito, persistente, da “democracia racial” elimina tais questões dos discursos públicos, incluindo aí o do romance. (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 87)

É claro que a exclusão de determinados grupos não é algo exclusivo do campo literário. As classes populares, as mulheres, os negros possuem maiores dificuldades para acesso a todas as esferas de produção discursiva: estão sub-representados no parlamento (e na política como um todo), na mídia e no ambiente acadêmico. Essas características dificultam o lançamento de livros que possuam uma diversidade de autores, bem como a representatividade de personagens que indiquem a sociedade como um todo.

Entre os autores que romperam tais barreiras, escolheu-se um dos mais destacados intelectuais negros contemporâneos – poeta, ficcionista, dramaturgo, crítico literário, ensaísta,

contista e romancista – Cuti, pseudônimo de Luiz Silva, (Ourinhos/SP, 31.10.1951), formou-se em Letras-Francês pela Universidade de São Paulo (USP), é Mestre em Teoria da Literatura e Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Cuti defendeu dissertação sobre a obra de Cruz e Sousa, e tese sobre Cruz e Sousa e Lima Barreto, em 2005. Como militante da causa negra, foi um dos fundadores e mantenedores da série **Cadernos Negros**³, a qual dirigiu entre 1978 a 1993. Esse escritor ajudou a fundar o Quilombhoje⁴.

3. Considerações sobre as narrativas de Cuti

Os contos de Cuti funcionam como um lugar para a memória, já que criam outra história de representação do afro-brasileiro, diferente daquela inscrita no lugar-comum, no *establishment*. Ao contrário, o vocábulo “negro” ganha conotações positivas, fazendo frente às práticas diárias de associá-lo aos estereótipos. O negro, nos contos do autor paulista, evidencia o desejo literário de contribuir para que afro-brasileiros despertem a atenção para a necessidade de luta contra o racismo e a discriminação. Essas estratégias reverteriam os mecanismos de segregação utilizados pela sociedade brasileira nas suas práticas e discursos ao longo da história. Assim sendo, encontram-se a reconstrução de uma origem cultural de bases africanas, a valorização de costumes dessas tradições herdadas da África, a ressignificação de palavras e a desconstrução de estereótipos do negro nos contos.

No trabalho do autor, procura-se veicular uma literatura *sobre negros, feita por negros e para negros* (e “brancos”), de acordo com Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca

³ Em 1978, o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR) promoveu a primeira edição do Festival Comunitário Negro Zumbi (FECONEZU). Na ocasião, um grupo de escritores paulistas lançou o primeiro número da série **Cadernos Negros**. Oito poetas dividiam os custos do livro, publicado em formato de bolso, com 52 páginas. A publicação, vendida principalmente em um grande lançamento, circulou de mão em mão *a posteriori*. Ele foi distribuído para poucas livrarias, mas obteve um expressivo retorno dos que tiveram acesso. Desde então, 40 volumes foram lançados, um por ano, alternando-se poemas (nos anos pares) e contos (nos anos ímpares) de estilos diversos. A distribuição aperfeiçoou-se e chegou a um público mais amplo e diversificado do que aquele atingido pelos primeiros volumes. Escritores de vários estados do Brasil têm publicado nos **Cadernos Negros**. Disponível em: <<http://www.quilombhoje.com.br/cadernosnegros/historicocadernosnegros.htm>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

⁴Quilombhoje Literatura surgiu como um grupo paulistano de escritores em 1980, com o objetivo de discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura. O grupo tem o propósito de incentivar o hábito da leitura e promover a difusão de conhecimentos e informações, assim como, desenvolver e incentivar estudos, pesquisas e diagnósticos sobre literatura e cultura negra. O Quilombhoje Literatura tem desenvolvido vários projetos, há mais de 30 anos, dentre eles: a produção anual dos **Cadernos Negros** (poemas e contos); a organização de rodas de poemas; peças de teatro em que se utilizam poemas de autores como Solano Trindade e Cruz e Sousa; e saraus, especialmente, o Sarau Afro Mix. Disponível em: <<http://www.quilombhoje.com.br/quilombhoje/historicoquilombhoje.htm>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 194-214, jul./dez. 2018. Recebido em: 18 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

(2011). Em outras palavras, uma literatura que evidencie uma narrativa com os valores e os pontos de vista próprios daqueles que “detêm na pele” a *condição negra*. Na maioria dos contos de Cuti, a consciência étnica afrodescendente se tece por meio de uma discursividade que transita essencialmente entre o identitário, o político e o estético, cabe ressaltar que se considera o aspecto identitário porque há traços aproximativos da matriz cultural africana diaspóricada no Brasil e que são compartilhados pelos afro-brasileiros. Do ponto de vista político, pressupõe tensão entre um *eu* e um *outro* do complexo social e estético, pois, leva em conta as particularidades requeridas por seus procedimentos formais e a literariedade dos textos como produto de seres culturais em determinado momento histórico.

No tocante aos contos do escritor de Ourinhos, herdeiro do contexto aqui brevemente descrito, percebe-se uma urgência em compor uma textualidade outra *por dentro e por fora* da instituída. Essa textualidade pode ter como princípio a trajetória do descendente de escravo no Brasil. Ela apresenta também como a fabricação de significados outros e positivos para o signo “negro” e terminologias afins, além do estabelecimento de vínculos com as tradições africanas e a diáspora negra. Na sequência, o livro **Negros em Contos** destaca-se como constituinte dessas características descritas anteriormente.

4. A coletânea *Negros em Contos*

Negros em Contos (1996) possui vinte sete contos com temáticas que envolvem personagens afro-brasileiros. A obra foi lançada durante a presidência de Fernando Henrique Cardoso (1995–2003), quando o debate do tema dos afro-brasileiros já havia ganhado maior alcance. Em 20 de novembro de 1995, ano do tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares (1655-1695), por exemplo, ocorreu a “Marcha Zumbi 300 anos contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida”, em Brasília, com a participação de cerca de 30 mil pessoas e dezenas de movimentos e organizações antirracistas.

A obra **Poesia negra brasileira: antologia** (1992), de Zilá Bernd, e os números especiais de **Cadernos Negros** foram publicados no fim dos anos 2000. O conto, forma curta e mais viável de ser publicada em revistas e jornais, tornou-se também a preferida pelos escritores do movimento negro.

O realismo é o tom dominante dos textos reunidos em **Negros em Contos**, os quais promovem a denúncia da condição de vida dos negros: o racismo, a discriminação, a miséria, a ignorância, a violência, a delinquência, a injustiça, o abuso de drogas lícitas e ilícitas e a prostituição. Esse livro pode ser lido tanto pelo prisma da presença de negros como personagens nas narrativas, quanto na perspectiva da superabundância de personagens nessa condição.

Em **Negros em Contos**, os conflitos internos, as tensões e as contradições dos afro-brasileiros destacam-se pela temática dos negros associados à desordem e/ou à bagunça quando se unem para discutir questões que envolvem a negritude. O sistema escravagista acabou no Brasil, mas os personagens ainda estão em busca da liberdade – seja para militar, para promover um baile na associação negra ou, simplesmente, para ter o direito de transitar livremente pelas ruas.

Em **Negros em Contos**, os personagens procuram a afirmação ou a negação da negritude. Desse modo, alguns engajam-se, outros não o fazem na luta contra o preconceito e a violência simbólica e real que acomete os afro-brasileiros. Nesses contos, a voz dos afro-brasileiros torna-se audível. Assim sendo, exteriorizam-se os sentimentos de revolta e indignação causados pela prática do racismo e da discriminação racial, colocando-se em cena o cotidiano dos personagens e as suas relações sociais.

Por questões de ordem prática, não serão aqui analisados todos os contos, mas apenas aquele que apresenta maior densidade de elementos que vêm ao encontro do objetivo principal desta análise, qual seja: investigar temas, comportamentos e situações que permitam avaliar a resistência e a situação do negro na sociedade atual. Assim, serão feitas considerações a respeito do conto “O Batizado”. Esse conto é investigado com o propósito de contemplar a integração do negro na sociedade de classes, a dificuldade de ascensão econômica, a resistência e as possibilidades de estudo do personagem Paulino.

5. O conto “O Batizado”

“O Batizado⁵”, que se passa em um apartamento aparentemente de classe média baixa, desenvolve-se num intervalo de tempo cronológico, mediado por reflexões de alguns

⁵ Esse conto foi lançado primeiramente nos **Cadernos Negros 14**, de 1991. “O Batizado” foi adaptado por Léa Garcia no longa-metragem **Aconteceu no Rio de Janeiro**. Esse longa-metragem compõe-se da adaptação cinematográfica de quatro contos de ficção de autores brasileiros. Eles são: “O Batizado”, de Cuti; “O cobrador e o deus vaca” e “Aconteceu no Rio de Janeiro”, de Cidinha da Silva e, “Vovó veio para jantar”, de Muniz Sodré. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/personalidades/lea-garcia/>>. Acesso em: 2 jan. 2017. Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 194-214, jul./dez. 2018. Recebido em: 18 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

personagens. Observa-se uma tensão oriunda de questões que envolvem preconceitos e falta de afeto nos relacionamentos familiares, sendo que o conto narra a desarmonia de uma família durante uma festa de batizado. O responsável pela desordem é Paulino, filho de Dona Isaltina e Belmiro. O irmão Tico e a cunhada Zuleica festejam o batismo de Luizinho (primeiro neto da família). Nesse acontecimento, que reúne os padrinhos (brancos) e outros convidados, o protagonista – que, inclusive, é responsável por coordenar movimentos em prol dos negros e estudantes do ensino médio, quando está prestes a prestar as provas do vestibular – expõe a sua revolta em razão de sua própria família não aderir às causas de sua cor.

O meu sobrinho é, pelo significado do nome, defensor do povo francês. E o seu povo? Aí está a violência da mesma forma que estava nessa garrafa. Vejam, estes cacos na minha mão oferecem menos perigo do que o conteúdo. O álcool é o pior inimigo da nossa raça.

Filho, escuta a sua mãe...

E reparem na contradição: minha família, depois de negar suas raízes, com esse batizado, ainda tenta me impedir de falar. A alienação é dupla. (CUTI, 1996, p. 43)

Paulino começa a tomar contato com os ideais da militância negra e tenta, de alguma forma, chamar a atenção de sua família em prol dessa causa. Neste sentido, durante a festa de batizado de seu sobrinho (que tem padrinhos brancos), ele procura fazer com que os seus parentes negros percebam a perda da identificação cultural deles com a população negra. O desejo de Paulino é que os membros familiares tenham uma escolaridade melhor e acesso a empregos qualificados com uma remuneração maior. O jovem busca sensibilizar a família sob todas as formas, mas, diante das reflexões da mãe, do pai e dos irmãos, parece possível afirmar que ele costuma ser violento, não aceitar opiniões contrárias e manifestar-se costumeiramente em ocasiões impróprias para tal – tanto é que a família contava com a sua ausência no dia do batizado. Joana reflete: **“Paulino estragando a festa dando o seu espetáculo de sempre não foi viajar como prometeu lá com o grupinho dele e agora aí [...]”** (CUTI, 1996, p. 40).

Escolher um nome que não é africano, colocar como padrinhos do menino negro um casal de brancos, distanciar-se da cultura e dos traços religiosos africanos é, no contexto familiar apresentado, o que Paulino considera como sendo uma profunda alienação e contradição: *“Recuamos, ao invés de reivindicar o direito à identidade cultural.”* (CUTI, 1996, p.43). Desse modo, essa passa a ser a temática do texto: de um lado, negros que se esforçam para preservar as suas raízes; de outro, aqueles que não são militantes. Logo, a tentativa de ser aceito socialmente, de ter uma

boa reputação frente aos demais é algo que entra em conflito com a perpetuação dos costumes e das tradições negras ou africanas.

Um aspecto que merece atenção relaciona-se à própria escritura do texto. Os personagens discutem através de frases que não obedecem às regras sintáticas, nem às normas de pontuação. Além disso, há trechos em itálico e em negrito, como pode ser observado nas transcrições anteriores. Como se não bastasse isso, é relativamente custoso, em certas passagens, distinguir até onde vai a fala de um personagem e onde começa a de outro. Entretanto, essas características não devem ser vistas como falhas de composição; ao contrário, elas consistem em recursos literários que sinalizam, na própria manifestação escrita, elementos de desordem, compatível com a proposta temática do texto. Quando não se reconhece a fala de um e de outro, há chances de perderem-se os pontos de referência que individualizam e ressaltam essas pessoas dotadas, muitas vezes, de criticidade.

Por outro lado, essa mistura de vozes (o discurso polifônico, em termos bakhtinianos⁶) é um recurso do qual se vale propositalmente o narrador. Conforme nos ensina a teoria, a polifonia tem como principal propriedade a diversidade de vozes controversas no interior de um texto, sendo justamente essa a estratégia utilizada para revelar os conflitos vividos durante o batizado de Luizinho. Logo, no âmbito dessa família, os seus membros apresentam distintas posturas ideológicas, que acarretam discussões verbais e mesmo agressões físicas.

Privilegia-se a oralidade dos personagens em detrimento da escrita, o que acaba chamando atenção para a importante contribuição dos povos africanos na configuração do português brasileiro moderno. Vale lembrar que alguns desses povos que influenciaram a língua e a cultura brasileiras eram originários de sociedades ágrafas, contexto em que a tradição oral era condição básica para a manutenção dos idiomas e dialetos que falavam. Sendo assim, pode-se questionar o quanto, no contexto colonial, a imposição da língua portuguesa aos negros funcionou como um instrumento de apagamento da memória africana (assim como aconteceu com os povos indígenas em relação a suas línguas particulares).

⁶Mikhail Bakhtin (1895-1975) desenvolve o conceito de polifonia em **Problemas da Poética de Dostoiévski** (1963). Esse conceito é característica do romance plurivocal. A partir do estudo da obra de Fiodor Dostoiévski (1821-1881), Mikhail Bakhtin observou que o seu discurso romanesco não é apenas plurivocal - há algo mais além dessa plurivocidade: as vozes dos personagens apresentam uma independência na estrutura da obra. Observou-se mais que as múltiplas consciências que aparecem no romance mantêm-se equivalentes, ou seja, em pé de absoluta igualdade, sem se subordinarem à consciência do autor. Também os mundos que povoam os seus romances se combinam numa unidade de acontecimento.

Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 194-214, jul./dez. 2018. Recebido em: 18 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

Acredita-se que essa estratégia narrativa demarca pontos de vistas diversos dos afro-brasileiros sobre os assuntos relativos à negritude. Aqui, no conto analisado, os membros da mesma família possuem opiniões variadas sobre a religiosidade de matriz africana, a militância negra, o batizado dentro dos parâmetros cristãos e a alienação dos afro-brasileiros. Tais aspectos, demarcam de um modo ou de outro, os seus respectivos posicionamentos, sendo possível inferir, a partir daí, o ponto de vista de cada personagem envolvido. Para Florestan Fernandes (1978, p. 77, v. 2), nos depoimentos coletados com membros do movimento negro, em seu estudo, constata-se que os negros: “Não agem cooperativamente nem se estimulam uns aos outros. Não há uma opinião. Cada um tem a sua e a defende como se fosse melhor.” A discordância de ideias entre os membros familiares geraria uma fragmentação da negritude, derivando no enfraquecimento do debate da temática racial.

Dessa forma, a falta de coesão entre a comunidade negra parece ser recorrente nos textos de Cuti e serviria para indicar que os afro-brasileiros apresentam dificuldades de organização porque lhes falta, justamente, a capacidade de organização em prol de uma causa comum, predominando as preocupações e/ou os interesses individuais. Isso fica explícito no conto em estudo: Joana está preocupada com a postura de Paulino e, principalmente, com os comentários que surgirão entre os vizinhos a respeito da casa dos negros; Dona Isaltina não admite que haja algum tipo de problema e/ou revolta por parte do filho, preferindo atribuir o seu comportamento a uma “negrinha metida” que ele teria conhecido; o pai, Belmiro, carrega as suas mágoas passadas e empenha-se na imposição da ordem em seu lar, mesmo que isso inclua o uso da força física, a violência doméstica.

No conto, assinala-se a coexistência de duas matrizes religiosas no Brasil: a de origem judaico-cristã e a pertencente à cultura afro-brasileira. As diferenças entre essas duas matrizes servem para representar a influência do colonizador europeu através do catolicismo, bem como a dos afro-brasileiros pelas tradições africanas. Logo, têm-se os afro-brasileiros que concordam com a ideologia dominante por meio da religião católica – a exemplo dos familiares de Paulino – e, por outro lado, o protagonista, que resiste por meio da religiosidade de matriz africana. Sobre a influência do catolicismo e de outras vertentes em relação às religiões de origem africana no Brasil, bem como sobre as transformações da prática religiosa de matriz africana nos últimos tempos, Mundicarmo Maria Rocha Ferretti (2007, p. 2) tece as seguintes considerações:

Algumas características das religiões afro-brasileiras têm origem na traumática experiência da escravidão vivida por seus fundadores ou organizadores, na absorção

forçada ou voluntária do catolicismo por eles e na experiência do “povo-de-santo” com outras religiões cristãs ou não cristãs. Assim, a devoção aos santos católicos, as sessões de Mesa Branca ou de Jurema (Catimbó) encontradas em suas casas de culto nasceram do contato de seus fundadores, organizadores, sacerdotes (pais-de-santo ou pais-de-terreiro) e fieis com o catolicismo, o kardecismo, com práticas religiosas ameríndias e com outras religiões. Outras características por elas apresentadas têm a ver com mudanças ocorridas recentemente na sociedade brasileira, com o acesso do “povo-de-santo” aos níveis mais altos de escolaridade e a recursos modernos de comunicação (produção de livros e de documentários, jogos de búzios por computador, programas interativos na televisão etc.).

Tais religiões trazem as marcas de resistência e das estratégias de sobrevivência adotadas pelos escravos no Brasil colônia e que se reduplicam na contemporaneidade, uma vez que os afrodescendentes têm enfrentado o preconceito na sociedade predominantemente branca e cristã. Entende-se, assim, que a religião também reflete a organização social, a sua estrutura e somente modifica-se quando há alterações entre os seus habitantes. Paulino, neste caso, busca uma mudança de postura entre os seus familiares para que eles participem de um processo de valorização do passado religioso afro, dos costumes e das tradições do povo vindo de África, e não sigam meramente como repetição aquilo que o colonizador trouxe da Europa. Essa é a maior crítica de Paulino aos membros de sua família: o fato de eles terem abandonado o vínculo com as religiões de matriz africana.

A família atribui a mudança de comportamento de Paulino ao contato com o movimento negro por influência de sua namorada (cujo nome não é mencionado) e do acúmulo de leituras realizadas para o vestibular. É possível inferir, portanto, que, antes de começar o namoro e ingressar na militância, Paulino não apresentava tal comportamento, já que o contato com o ativismo é que teria o transformado em um defensor ferrenho da causa negra.

Os questionamentos de Paulino surgem na medida em que tem contato com a leitura, ou seja, os livros teriam a função de expansão do horizonte intelectual e aumento do senso crítico. Uma das propostas do movimento negro é, justamente, o letramento dos negros, com o intuito que seus participantes consigam empregos melhores. Vale lembrar que, durante um longo período, os negros não tiveram acesso à leitura e à educação, fator que constitui um dos argumentos de Paulino em sua espécie de doutrinação ativista junto aos familiares. Florestan Fernandes (1978, p. 42, v. 2) afirma que: “A educação foi colocada como condição número um na luta do ‘negro’ contra a miséria, o ‘preconceito de cor’ e a desorganização social”. Paulino é o único dos membros de sua família que almeja e tem a possibilidade ingressar na universidade com vistas a superar a sua condição de integrante da classe média baixa, um sujeito com escassas possibilidades de ascensão profissional e econômicas, conforme é possível observar a partir das *Revista Literatura em Debate*, v. 12, n. 23, p. 194-214, jul./dez. 2018. Recebido em: 18 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

reflexões de seu pai: “Usara uma calça cerzida no traseiro, tamanha era sua penúria na época.” (CUTI, 1996, p. 41).

A fala de Paulino apresenta mais recursos argumentativos porque ele possui contato com a leitura de livros do ativismo negro e com os conteúdos das disciplinas previstas para o vestibular. Desse modo, uma espécie de contraste sociolinguístico pode ser percebida através clareza do discurso de Paulino em contraposição às enunciações reveladoras do baixo nível de escolaridade de seus familiares, com origem na classe média baixa e trabalhadora. Paulino representaria o negro que estuda, que milita em uma agremiação negra e que tem conhecimento das desigualdades socioeconômicas do afro-brasileiro. A sutileza e a força crítica do discurso de Paulino podem ser evidenciadas no fragmento a seguir:

Ouviram todos vocês? Eu acabo de dizer, com este exemplo nas mãos, da quebra da nossa identidade negra. Ouçam o nome de meu adorado sobrinho: Luizinho... Já não chega o sobrenome Oliveira? Luiz é nome de qual ancestral? Refere-se a qual matriz cultural? E, minha gente, o nome é de origem francesa. Significa defensor do povo...

Paulino! Tico, tocando o irmão bem de leve, apela. Não recebe atenção.

... que não é nosso povo. O meu sobrinho é, pelo significado do nome, defensor do povo francês. E o seu povo? Aí está a violência da mesma forma que estava nessa garrafa. Vejam, estes cacos na minha mão oferecem menos perigo do que o conteúdo. O álcool é o pior inimigo da nossa raça....

Filho escuta a sua mãe...

E reparem na contradição: minha família, depois de negar suas raízes, com esse batizado, ainda tenta me impedir de falar. A alienação é dupla. Querem me impor censura! Fosse o nome escolhido um nome africano, como por exemplo Kalungano, Sawandi, Kwame, Omowale, ou uma dijina das nossas verdadeiras religiões, e eu não estaria aqui dizendo estas palavras. Mas, com nome africano cartório põe areia, não é mesmo? E nós o que fazemos? Recusamos, ao invés de reivindicar o direito à identidade cultural. Você aí, que é padrinho, eu percebo que está rindo de mim. Claro, você é branco. Um branco padrinho de preto. Mais um! (CUTI, 1996, p. 42-43)

O discurso de Paulino está carregado de detalhes que ajudam na elucidação da situação dos negros. O primeiro deles diz respeito a não afirmação da negritude, fator que gera o enfraquecimento na busca de ideais calcados na recuperação da história e da tradição. O segundo detalhe a ser destacado refere-se a não fidelidade dos próprios negros aos seus valores culturais. Daí, podem-se visualizar duas realidades: de um lado, a fragilização da luta cultural empreendida pelos negros; de outro, o quanto a cultura branca é influente a ponto de desarticular todo um conjunto de valores de longa tradição.

Paulino cita o “cartório” como exemplo da censura que pode ser imposta ao registro de determinados nomes considerados difíceis de serem pronunciados e que, futuramente, poderiam

Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 194-214, jul./dez. 2018. Recebido em: 18 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

causar algum tipo de constrangimento às crianças que os carregam. “Cartório” vem do latim *charta*, que significa papel, mensagem ou texto. Juridicamente, o registro em cartório atribui “cidadania” a uma pessoa e, ao ter-se um papel assinado com o próprio nome, os pais estão atribuindo uma “identidade” – que não é a negra, mas é civil, visto que eles querem dar direitos de cidadão aos filhos.⁷ Nos tempos da escravidão, os negros não eram registrados em cartório (em papéis oficiais), sendo apenas batizados. Por isso, muitos registros de nascimento podem ser encontrados em várias igrejas do país, sem o respectivo registro oficial.

O nome é registrado dentro dos padrões da igreja católica, a exemplo de Luizinho e dos demais membros da família de Paulino. O protagonista, entre outras coisas, por ter contato com a umbanda e o candomblé, defende uma maior aproximação dos familiares com essa cultura por meio da valorização dos nomes próprios de origem africana. O cerceamento do cartório contribui para a escolha dos nomes dos recém-nascidos, com o privilégio de antropônimos comuns à língua portuguesa.

Embora a fala de Paulino traga elementos de reflexão coerente, o contexto acaba por comprometer a credibilidade ou a autoridade de seu discurso. Primeiramente, pelo fato de o rapaz manifestar-se alcoolizado; em segundo lugar, por sua família desacreditar na sua proposta. Essas condições desestabilizariam a seriedade da sua postura e das ideias que defende.

No conto, a crítica de Paulino volta-se para o batizado de Luizinho, porque isso permitiria à criança manter-se futuramente dentro da prática religiosa católica, além de carregar um nome próprio aportuguesado. Desse modo, a dupla crítica de Paulino em relação à cerimônia de batismo é a seguinte: o seu sobrinho estaria submetido a um nome de batismo de origem francesa e, forçosamente, inserido na religiosidade católica. Logo, o cartório, a cerimônia do batizado e a polícia são instrumentos que cerceariam a afirmação da negritude.

Outra questão que merece destaque é os conflitos intrafamiliares. Essa ideia surge no início do conto, pois Paulino (ou Lino, como era chamado), na festa, quebra uma garrafa como forma de simbolizar a falta de solidariedade e de união dos familiares. Os estilhaços da garrafa quebrada indicariam a desunião da família de Paulino, bem como a influência de valores culturais dos negros, que, no curso da história do Brasil, têm permanecido de forma fragmentada entre os da cultura branca dominante e os do continente africano.

⁷ O registro civil no Brasil foi criado de maneira formal e generalizada com o Decreto nº 5604, de 25 de abril de 1874, cujo artífice principal foi o então deputado geral do Império do Brasil, João Alfredo Correia de Oliveira. Disponível em: <<http://www.cartorioitajobi.com.br/registro-civil/cronologia-do-registro-civil-no-brasil/>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 194-214, jul./dez. 2018. Recebido em: 18 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

Esse é o fato que desencadeia a manifestação e a verbalização de uma série de preconceitos. Joana, filha de Isaltina e Belmiro, prevê o vexame e associa as atitudes do irmão aos boatos dos vizinhos: “[...] **o prédio amanhã vai estar em polvorosa vão comentar o papelão da casa dos pretos porque é assim mesmo que chamam a gente são capazes de ligar pra polícia só pro escândalo aumentar [...]**” (CUTI, 1996, p. 40). Como se observa, parece existir uma ligação entre “desarmonia”, “pretos” e “polícia”: onde há negros, há bagunça; onde há briga, há negros envolvidos e, conseqüentemente, a presença polícia. Dessa maneira, Joana destaca uma situação em que a sua família estaria associada à bagunça e à desordem, na qual a união de um número significativo de negros aludiria aos conflitos intrafamiliares.

Dona Isaltina condena o comportamento do filho, apontando a influência da namorada dele como provável causa do desequilíbrio do rapaz: “[...] **não anda bom não era revoltado desse jeito deve ser coisa daquela negrinha metida [...]**” (CUTI, 1996, p. 40-41). A palavra “negrinha” é usada num sentido depreciativo, ou seja, o desprezo de um negro vem de outro negro, algo que demonstra a falta de união, mas, principalmente, de compreensão e entendimento de seus próprios anseios. Na concepção de Dona Isaltina, a namorada do filho seria “metida” por militar em prol da negritude e por assenhorar-se da história dos afro-brasileiros. É interessante observar que, Paulino, devido ao seu histórico pessoal de militância, também sofre represálias dos familiares.

As particularidades da celebração do batizado e a referência a uma mulher como “negrinha” demonstram que, nessa família, existe uma negação de sua própria etnia e o desejo de seus membros equipararem-se aos valores dos brancos. Isaltina, Belmiro, Joana, Tico e Paulino são da mesma família, unidos pelos mesmos laços sanguíneos, pertencentes a um mesmo grupo étnico, mas nem por isso compartilham os mesmos ideais. A família de Paulino é uma alegoria para pensar-se a comunidade negra, muitas vezes, sem propósitos afins, censurados pelos valores dominantes.

Um ponto interessante nessas falas refere-se ao fato da família constituir um espaço no qual os estereótipos relacionados ao “negro” são também reproduzidos. Isso acontece até mesmo entre as famílias “negras”, tal como demonstram as falas dos personagens transcritas anteriormente. As atitudes racistas presenciadas na esfera familiar configurariam obstáculos à formação benéfica da negritude. Nota-se que Paulino é um defensor ferrenho da negritude devido ao contato com os militantes do movimento negro, o que não acontece com os seus familiares que se afastam dessa mesma negritude.

A censura ao garoto também vem de Belmiro, que desaprova as atitudes de Paulino. Ele deseja intervir em benefício da harmonia da festa oferecida por Tico e Zuleica. A sua preocupação recai basicamente na imagem que a sua família, composta por negros, transmitirá para a vizinhança. O negro anseia demonstrar uma imagem positiva, já que o sistema excludente colocou-o à margem da sociedade como um subalterno.

O Paulino com a conversa de seu movimento não pode estragar a festa não vai me tirar do sério se conseguir será de uma vez por todas ainda sou o chefe da casa se não estiver bem com a família vai então morar lá com seu tal movimento fala falafala em prol da raça e agora quer estragar tudo dar show pra essa gente branca ver... não... (CUTI, 1996, p. 41)

Sem aceitar o gesto do filho, Belmiro deixa implícito não admitir manifestações de defesa de sua “raça”. Essa imposição de valores ocorre de maneira tão eficaz a ponto de os negros serem vítimas e, ao mesmo tempo, motivadores de sua própria segregação. A referência da violência dentro da própria violência está no fato de Paulino ser negro e ainda sofrer a censura da família em relação às suas posições. Desse modo, o sistema autoritário, justamente por estabelecer formas de conduta muitas vezes de modo velado, atinge resultados mais satisfatórios para o cumprimento de seus objetivos.

No caso do conto em apreciação, a fragmentação da família e o desencontro de propósitos remetem para a não afirmação da “identidade” de um grupo. Nessa família, as pessoas vivem juntas e interagem de forma conflituosa, pois, na maioria das vezes, elas são incapazes de expressar afeto e chegarem a um entendimento ou tolerância em relação às opiniões divergentes.

Paulino também protesta contra a sua situação de discriminação, motivado pela embriaguez: “O rapaz, com parte da garrafa de cerveja segura pelo gargalo, estava partindo para os exemplos de mostrar o efeito do álcool no povo negro.” (CUTI, 1996, p. 41-42). O álcool⁸, nesse caso, aponta para a ideia de desordem e de alienação, condição a que a comunidade negra parece estar submetida.

O conto assemelha-se a uma descarga de energias represadas pelos integrantes dessa família, uma vez que Paulinho já tinha tido atrito com os familiares anteriormente devido à

⁸O álcool realiza a **síntese da água e do fogo**. Segundo as expressões de Bachelard, é a *água de fogo*, a *água que arde*. A aguardante, escreve ele, é uma água que queima a língua e que se inflama com a menor faísca. Não se restringe a dissolver e a destruir como a *água-forte*. Desaparece como aquilo que ela queima. É a comunhão da vida e do fogo. O álcool é também um alimento imediato, que põe imediatamente seu calor no fundo do peito (BACF, 167). O álcool simbolizará a energia vital que deriva da união dos dois elementos contrários, a água e o fogo. CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 18. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2003.

Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 194-214, jul./dez. 2018. Recebido em: 18 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

militância no movimento negro. Ele mostra ser um rapaz engajado na militância negra de autoafirmação e de luta contra o preconceito. Do que se depreende de seu discurso, articula-se politicamente como uma pessoa consciente das discrepâncias socioeconômicas, das quais tradicionalmente o seu povo foi vítima. Paulino aceita-se como negro e, mais do que isso, não é alienado, sendo que sabe perfeitamente a que situações de preconceitos e de violência o seu sobrinho estaria submetido por toda a vida. Paulino esperava somente, que a sua identidade cultural também fosse reconhecida como diferente e importante tal qual a dos brancos.

Participar do engajamento racial e entender os mecanismos pelos quais o racismo e as discriminações raciais são perpetuados faz com que Paulino pertença ao movimento negro. Ele problematiza uma situação do cotidiano para ressaltar a opressão a que os negros estariam expostos. O discurso de Paulino procura alertar os familiares quanto à presença do racismo, da exclusão social, da negação da ancestralidade e do preconceito a que estariam submetidos os seus familiares.

Considerações finais

Com o lançamento do segundo livro de contos intitulado **Negros em Contos**, percebe-se uma temática de ativismo social na obra de Cuti, bem como traz para o seio das narrativas personagens e protagonistas considerados marginalizados pela sociedade brasileira. Desse modo, a voz dos personagens desses contos está alicerçada por meio do relato de pessoas ordinárias, que destacam as situações do cotidiano dos afro-brasileiros. A partir desse livro analisado, torna-se visível a formação acadêmica pessoal com predomínio no caráter literário de contos desse escritor, além da narrativa de Cuti denunciar as diferenças sociais.

Paulino apresenta-se alcoolizado na festa do batizado com o intuito de questionamento dos membros familiares a não adesão a religiosidade, a língua e a aceitação ao movimento negro. Esse personagem anseia desconstruir os estereótipos atribuídos ao negro, especialmente relativos às tradições de origem afro-brasileira. O “álcool” indicaria a geração de atritos entre as pessoas, sendo que ele serve tanto para sugerir um ambiente marcado pela *finesse*, pela elegância, como para desonrar uma pessoa negra. Ele sugere ainda a ideia de desordem e de alienação, condição a que a comunidade negra parece estar submetida. O desequilíbrio emocional é apontado ao utilizar-se o “álcool” como um elemento que originaria a desordem. Logo, as tensões são

intergrupais e relativas ao negro, pois os personagens possuem divergências ideológicas, expressadas por meio de atritos, de brigas e/ou de discussões.

Tanto os pais, quanto os irmãos e a cunhada de Paulino parecem aceitar passivamente a dominação linguística e religiosa (que ele abomina) como uma forma de se inserirem no meio branco, dominante e serem aceitos como iguais, apesar das diferenças que lhes são inerentes. Um processo de alienação em relação à própria “identidade” dos afro-brasileiros ocorre em busca da convivência com os descendentes de caucasianos, fazendo-o, preferencialmente, em pé de igualdade, o que significa negar as suas origens, em uma situação de aculturação. Sem que haja, pois, resistência à dominação que se estabeleceu nos últimos séculos.

Cuti busca romper com as representações que inferiorizam os negros e a sua cultura. Esse escritor associa-se aos movimentos de afirmação do negro, a partir do conhecimento das dificuldades de ascensão educacional e econômica. Tal preocupação ganha pertinência quando traz para o universo da criação literária o cotidiano da cidade de São Paulo com o propósito de demonstração da rotina de uma família negra com personagens que exibem as tensões, as contradições e as ambiguidades daqueles integrantes.

Do estudo realizado, depreende-se que Paulino constitui, na tessitura narrativa, uma forma de resistência ao branqueamento dos costumes de seu povo. A sua família procura seguir a tradição caucasiana, optando pelo batismo cristão, pelo nome de origem francesa que é atribuído ao menino, pelo champanhe que repousa na geladeira, comprado em prestações. Há um expresso desejo de aparentar um comportamento branco diante dos vizinhos, evitando-se que o apartamento da família seja denominado como a “casa dos pretos”, numa evidente analogia com a senzala. Paulino, dessa forma, representa o sujeito que demanda o retorno à cultura afrodescendente, que postula a valorização das tradições e dos costumes do seu povo e que, sob certo aspecto, conforma-se como o único membro familiar a vislumbrar uma possibilidade para transcender aquele meio e ascender socialmente.

Por outro lado, os contos de Cuti mostram-se fortemente engajados com a temática afrodescendente, corporificando importante campo de resistência na literatura pátria a dar voz para o personagem negro, as suas mazelas, as suas angústias, a dificuldade para “acomodar-se” com o meio branco e, nesse mesmo meio, fazer-se ouvir, fazer valer questões que dizem respeito à organização social, cultural de sua gente. Observa-se, desse modo, uma evidente problematização da realidade, qual seja a realidade do afrodescendente, refletindo-se ética e

esteticamente sobre ela para, a partir dela, levantar-se questões relevantes sobre o afrobrasileiro, como personagem, como cidadão, sujeito da enunciação no conto em estudo.

ABSTRACT: The short-story is one of the forms used by the writers affiliated to the black movement to divulge their literary production. Luiz Silva (Cutí) is linked to social activism, with stories that have Afro-Brazilian characters and protagonists. In this article, it is analyzed the short-story “O Batizado” published in **Cadernos Negros 14** in 1991. The resistance to the dominant ideology is one of the strategies of the literature produced by this writer. Thus, the protagonist and the characters are at a baptism party, demonstrating the setbacks of an Afro-Brazilian family. Paulino (protagonist) questions the cultural values of his relatives due to the approach to black militancy, Afro-Brazilian religions and preparation for the vestibular exam.

Keywords: Cutí. Contos. Literatura afro-brasileira. Paulino.

Referências

BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BERND, Zilá. *Poesia negra brasileira: antologia*. Porto Alegre: AGE: IEL: IGEL, 1992.

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 18. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2003.

CUTI [Luiz Silva]. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

_____. *Negros em Contos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1996.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 31, p. 87-110, jan./jun. 2008. Disponível em:

<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9620/1/ARTIGO_SilencioEstereotiposRelacoes.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 4 v.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978. 2 v.

Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 194-214, jul./dez. 2018. Recebido em: 18 mar. 2018. Aceito em: 07 jul. 2018.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. Religião e sociedade: religiões de matriz africana, um caso de polícia. In: III Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2007, São Luís. III Jornada Internacional de Políticas Públicas: Questão social e desenvolvimento no século XXI. São Luís: UFMA/CCSO/PPGPP, 2007. p. 01-08. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/16647725-Religiao-e-sociedade-religoes-de-matriz-africana-no-brasil-um-caso-de-policia.html>>. Acesso em: 4 mar. 2018.

HALL, Stuart. “Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior”. IN: HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Brasília: Editora UFMG, 2003.

RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

SAYERS, Raymond S. *O negro na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “O testemunho: entre a ficção e o ‘real’”. IN: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura: O testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas/SP: EdUnicamp, 2003.